

Confissões, histórias e memórias em Um Capítulo da História do *Diário do Minho* de Silva Araújo

Bem podia chamar-se *Retalhos da Vida de um Director de Jornal* este novo livro de Silva Araújo. Mas, homem simples, avesso a holofotes,louvaminhas e luzes de ribalta, quis que o protagonismo fosse inteiro para o Jornal que, com denodo e espírito de missão, e quantas vezes sacrifício da própria vida pessoal, familiar e social, serviu durante 28 anos.

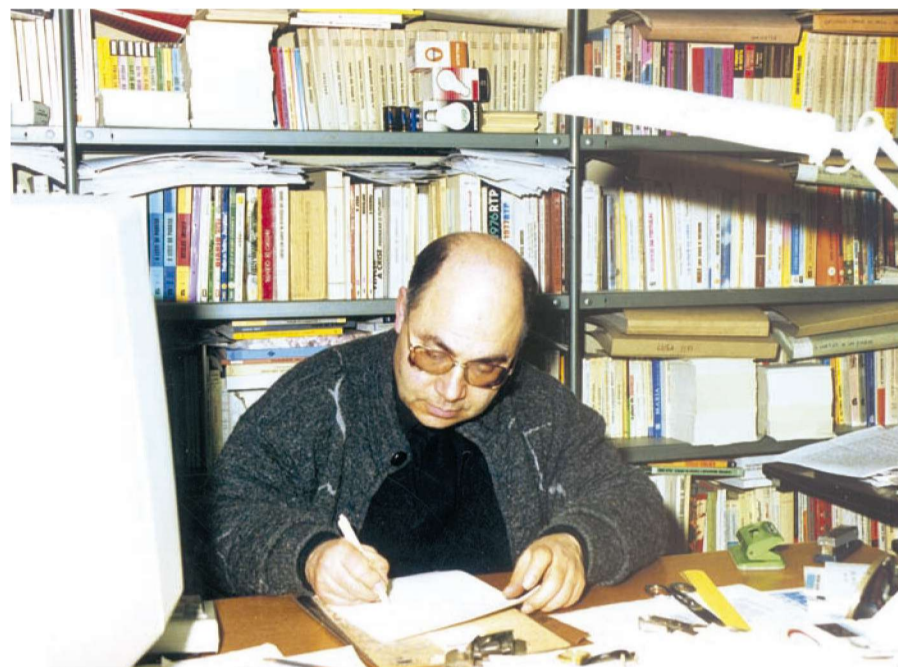
Tal como de um mero projecto, evento ou complexa organização, a direcção de um jornal exige determinação, criatividade, inovação, serenidade e segurança. E muita emoção e cumplicidade orgânicas. E porque colaborei semanalmente, durante 12 anos, com Silva Araújo, posso testemunhar que na direcção que fez do "Diário do Minho" sempre presentes estiveram essas como muitas outras qualidades, mormente a frontalidade e a lealdade com que sempre enfrentou com a Administração as dificuldades de recursos humanos e materiais.

Então, se pensarmos nos conturbados tempos pós-25 de Abril de 1974 que varreram a nossa sociedade, e mais encarniadamente atingiram a Igreja e os seus órgãos de Comunicação Social, a batalha quotidiana de Silva Araújo na manutenção, feita e condução do Jornal foi, a todos os títulos, zenónica e encomiástica. Só mesmo alguém com elevada estatura humana, cultural e espiritual capaz era de vogar, sereno e seguro, no encafelado mar de paixões e ódios político-partidárias e assaltos ao poder.

Estruturada está a obra em quatro eixos temáticos (*O Jornal em que trabalhei, O Jornal que procurei fazer, Na hora da partida e Dever cumprido*), através dos quais são abordados, para além de outros com o mesmo elevado interesse, temas como: periodicidade, formato, impressão, conteúdo... do Jornal, pluralismo partidário, liberdade e coerência, alfabetização e marxização, participação na vida da comunidade, idas a tribunal, estatuto editorial, relacionamento com os outros, fidelidade ao Magistério, coesão da família e comunicação social.



Aliciante é, contudo, acompanhar a evolução tecnológica, narrada em *Um Capítulo da História de um Jornal*, ao longo dos 28 anos que o Autor dirigiu o Jornal. Desde a manual, artesanal, complexa e morosa forma de composição gráfica até à utilização, embora tímida e incipiente, da fotocomposição e do computador (sem Internet), bem como a recolha difícil de notícias, a viagem que Silva Araújo nos propõe é deliciosa e traduz claramente a luta diária que era preciso encetar para fazer chegar, a tempo e horas, o jornal feito às mãos dos leitores. A carência de meios humanos exigiu que fizesse de tudo:



Mons. Silva Araújo no seu gabinete de trabalho quando era director do jornal "Diário do Minho"

redactor, comentador, editorialista, revisor de provas, fotógrafo, telefonista e... também director – diz Silva Araújo neste livro.

Viagem, apenas, de um simples punhado de anos, mas que, para quem por dentro a viveu, representa décadas de imensos sacrifícios, frustrações e insatisfações. A vida diária de um jornal (grande ou pequeno, nacional ou regional) é sempre uma luta insana contra o tempo e as contrariedades várias de que enferma a vida moderna.

Assim, por esta simples amostra podemos concluir que a linha temática da obra é sequencialmente coerente e lógica e trata-se com a profundidade e exaustão próprias de quem especialista é na matéria. De salientar, porém, o tom de efectiva missão e serviço à Igreja e à Comunidade com que o Autor caracteriza o trabalho que desenvolveu à frente dos destinos do Jornal. Diz Silva Araújo: *Fui jornalista porque me mandaram e padre porque quis e quero. Fui mais jornalista por missão do que por profissão. Moveu-me sempre o propósito de servir, de ser útil, de evangelizar através da palavra escrita.* Iguamente foi preocupação de Silva Araújo fazer um jornal independente em relação aos órgãos do poder e aos partidos e movimentos políticos, tendo sempre presentes os princípios de informar com verdade, objectividade e pluralismo e dar a conhecer a Doutrina Social da Igreja na construção de um mundo mais justo, mais solidário, mais fraterno, mais verdadeiro. *Na minha actividade jornalística, que exerci em períodos delicados, como o pós-Vaticano II e o pós-25 de Abril, procurei sempre manter-me fiel ao magistério da Igreja* – pode ler-se na página 113.

Ainda de referir o espírito de solidariedade e de bom relacionamento dos profissionais entre si que o Autor sempre procurou desenvolver e pôr em prática e bem expresso está na convocatória, em verso, que Silva Araújo faz para uma reunião sindical.

*Não sei que deu cá à malta
que julga não fazerem falta
os encontros sindicais.
Por mim estou decidido
a moer-vos o ouvido
enquanto não houver mais.*

*Sentar-se à volta da mesa
é dever de quem se preza
fomentar camaradagem.
Por isso vamos, valentes,
preparar os nossos dentes
para mais uma viagem.*

*Sim, que isto de viajar
não era nuclear
também levou sua cura.
Também se anda lampeiro
com bacalhau à Sameiro
e uns copos à mistura.*

*Se o trabalho dá saúde,
descansemos amiúde,
dando trabalho aos doentes.
E vamos, sem mais aquela,
c'uns lombinhos de vitela
acariciar os dentes.*

*Termino a versalhada
dizendo não ter piada
continuarmos tão mal.
Alguém tenha a ousadia
de marcar a hora e dia
de um encontro sindical.*

*E para ficar provado
que não é palavreado
este falar galhofeiro,
em 26, terça-feira,
quero ter-te à minha beira
às treze horas no Sameiro.*

Em boa hora se lembrou Silva Araújo de registar para os anais do "Diário do Minho" um dos capítulos mais empolgantes e conturbados da sua, quase centenária, existência. E fazê-lo na primeira pessoa, como quem serenamente se confessa, e com a simplicidade, clareza e frontalidade que lhe são peculiares, o que ao registo maior relevância e verdade confere. Que outros protagonistas da vida do Jornal lhe sigam o frutuoso exemplo e como Silva Araújo possam declarar: *não tenho dificuldade em ajoelhar diante de Deus, recusarei e recuso sempre ajoelhar diante dos homens.*